

Rio, rios e o Potengi

A experiência de estar em um barco pela primeira vez é suave e louca. Louco não ter os pés sobre o chão sólido dos dias comuns, ao invés o líquido, elemento sobre o qual o corpo perde seus paradigmas, balançante, tocante. O rio cantava sob o barco, desmanchando-se em finas notas na madeira azul e eu só tinha olhos para a ausência de espessura, somente a brandura dos pingos que o vento agitava em seu trabalho de fazer viajarem velas.

Era um barco pequeno, com assentos nas extremidades. Havia a mão paterna levando-me a sentar e ficar atenta. Navegação de rio, passeio beirando a margem sossegada. Mas em mim a água era mais estranha e semovente que os lombos dos cavalos montados um dia, em terras verdes, varadas de frio.

Senti a inteireza do rio, repartido pelo barco. Ali os olhos remam rápidos para a outra margem, antecipadamente mergulham nas sombras dos cajus cheirando na lembrança. Mas o corpo balança na água, as cores pincelam-se, ultrapassando definições, leveza mutante que carrega o coração banhado nos respingos de luz.

Meu rio, meus rios. Tenho uma infância cheia de rios, alguns deles navego quando desviro-me nos sonhos. Mas o rio impessoal, dele mesmo, de todos, renova o homem, a lavoura, a cidade. A paisagem descrita pelo rio, aberta pela umidade, nascida por seus méritos. O homem necessita do rito: beber, lavar, navegar. Do homem o dever: deixar ao rio o rio, dele mesmo com seus peixes e pedras, encher-se e secar-se com chuvas e sóis. Do homem a falta de direito de tocar a pele da água com seus restos mortais e imortais- esgotos e plásticos. Imortais só as almas dos corpos afogados, ligadas ao rio por transparências de viagem.

O rio do adulto não é o mesmo da criança que entra no barco e estende-se toda na madeira marcada, mãos espalhando a água para cima, para si. O vento colhe os pingos, pulveriza o ar, vira cantiga, sem tamanho o rio para quem é pequeno, mais leve que a respiração o lugar de não pisar, zozno sonho de tocá-lo como os pássaros, ou andar com sandálias de bóia, como Jesus-pescador-de-homens.

O corpo do rio tem água que a terra fez brotar do seu sigilo feito de vida. Rio tem água que caiu em chuva, varrida de vários territórios, fabricada em nuvens viajantes. Tem seres como a terra os tem: diversos, férteis, sedentos e sedosos, mansos ou não. Rio tem terra dentro, tem terra fora, terra que escorrega na correnteza. Rio tem pedra dentro, tem pedra fora, pedras que machucam os pés dos caminhantes e nadadores, impedem barcos de voar, e se movem e comovem em esculturas, abrigos, brilho de sol batendo no pino das doze. E os meandros do rio, curvas que escondem os caminhos, surpreendem com a beleza guardada, acarinha os mangues, assusta os corações apaixonados por beleza: os meandros balançam os rios dentro dos olhos. Levam e lavam pedras, pedregulhos, partículas de terra, até abrirem-se

todos, o rio e seus elementos, em um abraço no mar. Rio de diferentes feições, desejam todos a entrega de sua doçura ao apelo salino do mar. O rio tem homens, esses que vivem para o dia de uma vida, sem cismar nos ciclos, nos cílios das matas, na respiração e alimento que subtrai do mundo ao ignorar o rio.

Meu rio, meus rios. Tenho uma infância cheia de rios, alguns deles navego em pesadelos. Menina de areias claras, areia de mar nordestino, quente e verde nas águas, quente e branco nas margens, temia os rios de pele escura e macia, a levar os pés para lodos. Havia um pedaço de rio movediço no Pium em que vivi pequena, gomos visquentos que me apavoravam. Dessa memória provavelmente incorreta, tirei a verdade de meus versos no poema *O rio no quintal: Havia um rio no quintal da casa/ Rio que via quando a manhã chegava/ de areia grossa escura e pegajosa*. Muitas águas passaram sob os arcos-íris e pontes que atravessei, mas o rio não voltou da infância.

Menina achada e perdida em um interior paulista, tomei posse do rio Araguá e suas corredeiras. Arrepiava-me o lodo da descida, mas as margens de pedras sustentavam os sonhos com cheiro de flores do mato. Sempre amei os rios, no temor ou no batismo.

Mas essa história de tempos tem seus capítulos. Um projeto, uma escola. Profissão: professora. Levar alunos a amar e respeitar seu rio, concreto, de perto. Há um rio nesta terra, que acalentamos com os versos, os que agora escrevem, os que também antes registraram as impressões causadas por ele que passa em nossa geografia e a desenha, provocando beleza: o Potengi.

Desafiei vários poetas a embeberem os mais novos com poemas sobre o nosso rio. Inéditos poemas, oferecidos aos meninos e meninas de uma escola para serem lançados ao vento, poemas-velas. Vários foram lidos por vozes adolescentes, derramadas sobre um catamarã, fazendo responderem garças, cruzeiros, casas, igrejas, mercados: marcados todos pelo rio, limpo às vezes, triste ao carregar nas costas e entranhas o que não serve para o homem. Muito menos para o rio.

Assim chegaram os poemas. Rizolete Fernandes apresenta a biografia do Potengi, do local em que nasceu às viagens empreendidas por tempos e terras. Em seus versos os desejos são alerta e sugestão: *que a vida pulse em seus mangues, e com a vida é possível contemplar contemplar contemplar*.

Cantiga para o rio Potengi

Nas franjas da Borborema
o cio da natureza
fez brotar água da terra
dádiva de Santana a serra
do Cerro-Corá emblema

Ali um rio menino
faz cascata e adolescente
larga a nascente e se jorra

nos longes do seu destino

No estio ou no inverno
borda de verde caminhos
mata a sede sorve afluenta
o Rio Jundiá
que o Horto fez florescer

Ante a cidade dos Reis
de ponte em arcos se orna
beija a Pedra do Rosário
abraça a estrela do Forte
funde-se às ondas do mar

Mas o rio que emoldura
de Natal a geografia
tem suas águas turvadas
na descura potiguar

E um mutirão de xaria
canguleiro cascudiano
já se alevanta e marcha
clamando por água azul
nas veias do Potengi:

Que a vida pulse em seus mangues
que enfim seu corpo sarado
ostentando pôr-do-sol
possam todos hoje e sempre
contemplar contemplar contemplar.

Cefas Carvalho registra uma biografia emotiva para o Potengi, nascido na infância do poeta, em pertinente achado poético, pois para a as crianças tudo ao redor só existe porque elas existem. Uma visão egocêntrica feita de clareza. Assim o rio é constituído de *água e memórias*, de uma cidade que era outra, e das lembranças inexatas do menino, somatório da mistura perfeita de imaginação e vivências reais. Junto ainda leva Pessoa em Caieiro, a evocarem o Tejo, o rio de grande passado, de memórias grandiosas, mas que não é o rio da aldeia, aquele que permite apenas estar em comunhão, no estado de contemplação desejado no poema de Rizolete.

No entanto, Cefas aponta a morte: como nasceu no poeta, no poeta morre, talvez por não tê-lo próximo, não estar *ao pé dele*, como justifica Alberto Caieiro ao louvar o rio da aldeia. Talvez por ver a situação de descuido constante com que a população mantém o rio, o Potengi de Cefas, o nosso:

Nascente

Descobri, enfim, a nascente

do Potengi
Ele nasce na minha infância...

Rio feito de água e memórias
de uma Natal que não mais existe
(*Se é que Natal existiu algum dia
a não ser na minha imaginação
e nos delírios de Cascudo...*)

Assisto ao pôr do sol
no Potengi
Como se fosse a última vez que o faço

(*O Tejo é mais belo que o Potengi
mas o Tejo não é mais belo
que o Potengi
porque o Tejo
não é o Potengi...*)

Descobri, por fim, onde morre
o Potengi
Ele morre em mim...

Flávio Rezende, seguindo a correnteza da contemplação mística de Osho, o sábio indiano, o qual chama para a união de energias vitais de forma serena, disciplinada, deixando-se vagar, devagar, caminho também apontado por Fernando Pessoa como Caieiro, deixando a natureza ser apenas natureza, simplesmente, *pois somos fluxo*.

Rio

Um pequeno barco
num rio tranqüilo
quatro braços
duas cabeças
um só coração

Remar contra a
correnteza
não vamos não
pois somos o fluxo
não apresse o rio
ele corre sozinho
o rio corre sozinho
o rio corre sozinho
em busca do
oceano

Quando acontece o
encontro
acontece a união
não somos partículas
da poeira cósmica
somos pétalas da
chuva de rosas

somos um
em um só coração
somos um só
coração
um só coração

vagando
amorosamente pelo
leito do Potengi...

A infância e a adolescência são recuperadas por João da Mata Costa, o Da Mata, em tom de alegria, de reencontro com os prazeres singelos permitidos pelo rio. O poeta não faz ver em seus versos o Potengi de hoje, mas tira de dentro de si o seu Potengi, para o qual escreveu uma última estrofe em amoroso discurso:

O rio sou eu

No Potengi cresci, brinquei, me banhei
matei a sede e naveguei
Da cacimba tirava água que
transportava em latas
dos trapiches dava bunda-canastra
Nos tempos da meninice
jogava bola nos mangues
juntinho dos manguezais
Tempos que não voltam mais.

No caís da Tavares de Lyra
a balsa para o outro lado
ir a nado nem pensar
Meninos pulavam e nadavam
quais aves ribeirinhas
e eu rio à toa do cheiro
das lembranças e do peixe
que ia pescar com meu pai
eram bagres nada mais.

Algumas vezes tinha que atravessar
a velha ponte de ferro
a passarela muito estreitinha
às vezes a tábua movia
como eu sofria
debaixo a água sorria.

Tempos depois, rapazinho,
ver o pôr-do-sol
na pedra do rosário
namorar não podia
pois era uma lugar sagrado.

Rio você foi minha vida
meu sustento
minha alegria
Potengi, como gosto de ti!

Deth Haak enviou um poema de linguagem intensa e desafiante, como é desafiante a sobrevivência do rio quando por ele está *fluindo o descaso: Águas do Potengi*

O rio da Ribeira, que no mar fluente deságua,
corredeiras que transportam mortas vidas
lamentos incontidos, suas águas mortas!
Se vai não voltam poluem e abrem comportas...

Transpiração passada, as futuras águas lavam
Mudanças ... novas estações permeiam.
O sangue pulsa na veia poética. Transfuso
Anticorpos de amores, POTENGI injetado diverso.

Estuário que me afaga, beija-me a grafia,
sonetos que soprados amados no zéfiro.
De manhãs cariciadas, versando te procuro
Rio Potengi, reversos ninhos que de mando aninha...

As auroras gotejando pungentes tantas dores,
nos crepúsculos que desabrocham os temores,
nos ocasos disseminando as flores jaz cintiladas,
choro por ti sem nada dizer, amando o amor apenas...

Clamando ao vento por suas margens Rio Potengi
versejo a desembocadura em mar aberto fluindo
o descaso. O poema naufragado, ao bardo rio matizo
brado colorindo a pálida vida de seres comuns.

Carlos Gurgel, banhado em oralidade, respinga delírio e arrebatamento, evoca um rio que é mar, céu, pescador, e o poeta. Rio que permite a visão de barcos e navegações, do pescado e do pescador, mais ainda, de um mergulho por meio do qual o poeta diz: *me afogo como uma espuma*. O eu lírico (disfarce do poeta) se dilui, é água. O poema de Carlos Gurgel é teatral, para ser recitado em movimento, em abraço com imagens de lamparinas e luas, revirando o tempo e o espaço, rio que é meio mar, meio mulher, carente: e o *cheiro que vem da sua maré/ já não consegue respirar seu horizonte*. Convite para se *banhar nas águas de um rio que chama:*

céu e mar/ sol e lua/ nado e nada/ sal e solo

onda nua/ o que passo no rio?/ o rio que me pesca?/ o que peço do rio?/ o rio que me basta?/ o que posso do rio?

o rio que me caça?/ o que pasto no rio?/ o rio que me acha?

no silêncio do leito do rio/ como uma margem que nunca acaba/ me afogo como uma espuma/ no curso da água do rio/ como uma viagem que me navego

me vago como uma escuna/ e na isca do anzol do rio/ como um barco que me afaga/ me avisto como uma duna

velejo pelo rio que me cobre/ ele me acompanha

navego pelo rio que me despe/ ele me estranha/ no tempo que o raio percorre/ todos os rios de sol

no vento que o rio socorre/ todos os frios da lua/ no leite que os pecados escorrem/ todas as correntes das
(m)águas

quando eu me banho naquele rio/ que um dia a infância levou/ é como se fosse a aurora

que um novo tempo chegou/ chegou como uma lamparina/ que ilumina com o seu olhar/ o lugar onde
nasci

/ cresci e vivi

e por entre as águas que me banho/ acalanto com os seus leitos/ os sonhos de um menino que nunca
morre/ esperto, igual a um guiné quando corre

jesus / se vivo fosse/ e se visse o rio que me banho/ ele talvez caminhasse sobre suas águas barrentas,
incendiárias e sanguinolentas/ esse rio que jesus nasceu/ ele tá à toa/ como um monte de garoa/ que
engana jardins, paraísos e leões

nesse rio que me banha e nesse sol que me cobre/ nesse mar que me lave e nesse sal que me salva/ nessa
água que me leva/ e nesse céu que me torne

nessa onda que me leve e nesse rio que me lava/ nessa onda que me banha e nessa praia que me quer/
nessa areia tão tamanha e nesse rio tão mulher/ nessa foz que me sonha e nesse mar que dá pé
nesse leite que me cobre e nesse lago de tanta fé/ se banhar nas águas de um rio que me chama/ se lavar
nas ondas do mar que me ama/ se jogar na beira da praia que me sonha/ se lançar na crista do lago que
me banha

E Lisbeth Lima de Oliveira descreve um rio Potengi que traz alegria,
desde quando era um fio azul no mapa da menina, em seu livro de escola, um
rio de cores e religiosidade, rio de agora, mas de infância.

Fio azul

Você era para mim
fio azul no meu mapa de escola.
Agora você é imensamente laranja
quando o sol deita dentro.

Rio sabido que procura o mar.
Rio da Senhora dos Navegantes
passando em barco florido.
Rio Potengi:
me encantei quando te vi!

Todos nós temos um rio, e rios não correm nos leitos de pedregulho,
alargados em meandros, corados de chuvas e sóis, apenas. Correm por
dentro, modificados pelas delicadezas ou agruras experimentadas,

escorrendo em palavras, vertidas em poesia. Por isso os poemas. Porque há infância. Porque é doce o rio.

Anchella Monte



Anchella, Carlos, Cefas, Deth, Flávio, Lisbeth e Rizolete, dentre outros, "navegaram" nesse texto.